

Denzel Washington
é sinônimo de
milhões nas telas

PÁGINA 3



Bixiga 70 e seu
experimentalismo
em novo álbum

PÁGINA 4



Mônica Salmaso
canta tesouros de
nossa música

PÁGINA 5



2º CADERNO

Engenhoso thriller
de Vera Egito
sobre a luta de
estudantes contra
a ditadura na São
Paulo de 1968
vence o *Première
Brasil 2023*



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Plataforma de protestos contra o governo Jair Bolsonaro nos quatro anos anteriores à eleição de Lula, em 2022, a *Première Brasil* do Festival do Rio coroou no domingo (15) um thriller rico em ousadia formal e refinamento político o cobiçado troféu Redentor de Melhor Longa de Ficção: “A Batalha da Rua Maria Antônia”, de Vera Egito.

O júri presidido pela diretora Laís Bodanzky valorizou o risco absoluto corrido pela cineasta, realizadora do filme (em PB) premiado, ao recriar o passado tenebroso de nosso país sob uma estética nervosa.

Indicado a prêmios em festivais em Valladolid e Chicago, “A Batalha da Rua Maria Antônia” se impôs na telona do Estação NET Gávea e do Odeon a partir de um jogo de armar de 21 planos-sequência. Um espetáculo entre o drama e a ação se forma na recriação proustiana de 1968 (o chamado ano que não acabou). Sua narrativa chega a ser



Manoela Estellita/Divulgação

A resistência estudantil ao terror do AI-5 é a força motriz do thriller político ‘A Batalha da Rua Maria Antônia’, premiado com o Redentor de Melhor Filme no Festival do Rio 2023

Redentor da ousadia

inóspita em seu arranjo nada convencional de ideias. Arma-se um teatro de máscaras na trama quando o líder estudantil Benjamin (Caio Horowicz, atômico em sua atuação) aparece no campus da Faculdade de Filosofia da USP para manter seus colegas fora das CNTPs. Ele agita sua turma e outras em meio a uma batalha em outubro do 68.

Seus métodos são sedutores, mas, pa-

recem desrespeitar códigos de ética e sentimentos. Benjamin encena um jogo de decapitações com seus companheiros de aula e incomoda, em especial, uma atormentada professora, Leda (Gabriela Carneiro da Cunha, em estado de graça).

Em nome da democracia, Benjamin tenta manter inflamado o corpo discente e o docente de sua instituição. Tem gente ali

abalada por mágoas afetivas. Outras temem a foice do Estado que vestia farda na época. Mas um grupo reage à mordida do governo, sendo oprimido pela direita radical.

Na direção de fotografia, Will Etchebere ricocheteia por planos de triagem de diferentes salas, corredores e centros acadêmicos de uma faculdade encarada, à época, como o ovo da serpente dos inimigos do governo de farda. A montagem de Julia Zakia galvaniza o fluxo de imagens cor de chumbo, penumbrosas, revivificando um pretérito imperfeito, que reside como zumbi no imaginário sócio-político da nação.

Num roteiro enxuto, mas bastante provocativo, a diretora de “Amores Urbanos” (2016) discute resiliência, combate e inércia à luz da brasilidade.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Divulgação Mundial de la Bière



O público prestigiou os quatro dias de evento

Mondial de la Bière recebeu 40 mil pessoas no Pier Mauá

Maior festival de cerveja artesanal da América Latina, o Mondial de la Bière recebeu, entre quarta-feira (11) e domingo (15), 40 mil pessoas, que passaram pelos três armazéns do Pier Mauá. A edição comemorativa de 10 anos de paixão cervejeira no Rio entrou para a história com a participação de mais de 100 cervejarias, cerca de 1.500 ró-

tulos, 85 mil litros de cerveja vendidos, 40 horas de shows e 25 toneladas de alimentos arrecadados.

O evento se consolida como vitrine de lançamento de cervejas especiais no Brasil, com os expositores mostrando suas novas criações. O público se mostrou receptivo às inovações, sem deixar de visitar suas clássicas favoritas.

Oasis sem Noel

O Oasis fará uma turnê para celebrar os 30 anos de "Definitely Maybe", o primeiro disco do grupo britânico. No entanto, o anúncio feito pelo vocalista Liam Gallagher não sensibilizou o irmão Noel, que já avisou que não estará nos shows.

Dicas domésticas

Muitos a viram crescer e se surpreenderam com a postagem de Maisa anunciando que agora mora sozinha. Mantendo uma relação próxima com os seguidores, a quem chama de "primos", ela está recebendo dicas para organizar a casa.

Boicote

Pessoas contrárias aos posicionamentos de Felipe Neto têm atacado o influenciador nas redes sociais por ele ter virado garoto-propaganda do chocolate Bis. Hashtags de boicote apareceram nas primeiras colocações no X (antigo Twitter).

Más notícias

Sam Neill atualizou os fãs sobre o seu estado de saúde, após tornar público seu diagnóstico de câncer em março. Mas o astro de "Jurassic Park", hoje com 72 anos, fez revelações preocupantes: o resultado de sua quimioterapia não foi o esperado.

Espaço de afirmação da identidade



Em seu agonizante filme, a luta histórica de 68 é um espaço de afirmação de identidade. É um ritual que nos baliza pela resistência e que espelhou combates recentes, na Era Bolsonaro. Mas esse ritual despertou bestas e invocou diabos. É o que o filme mostra, sobretudo na figura mefistofélica

Rafael Barion/Divulgação



A diretora Vera Egito

de Benjamin, construído por Horowicz.

Numa estrutura de edição que assume o número dos planos como se fosse um relógio, a contabilizar a armação e a explosão inevitável de uma bomba moral, Vera "encena" a SP do fim dos anos 1960 menos pelos e mais pelas impressões do que o passado teria sido. Concentra tudo num tempo curto, numa noite definitiva.

Os personagens enfrentam os ataques do Comando de Caça aos Comunistas vindos do outro lado da rua, da Universidade Mackenzie. Quando o confronto explode, molotovs, pedras, paus e bombas são atirados. É uma narrativa de 24 horas nas quais conflitos afetivos, tensões sexuais, ciúmes e traições ideológicas (concentradas na professora Lea), revisitam nosso pretérito imperfeito. A escolha do júri foi perfeita.

E O TROFÉU REDENTOR FOI PARA...

FILME (longa de ficção): "A Batalha da Rua Maria Antônia", de Vera Egito

PRÊMIO ESPECIAL DO JÚRI: "O Dia Que Te Conheci", de André Novais Oliveira

DIREÇÃO: Lillah Halla ("Levante")

DOCUMENTÁRIO: "Othelo, o Grande", de Lucas H. Rossi dos Santos, com menção honrosa para "Black Rio! Black Power!", de Emílio Domingues

DIREÇÃO DE DOCUMENTÁRIO: Daniel Gonçalves ("Assexibilidade")

CURTA-METRAGEM: "Cabana", de Adriana de Faria

ATRIZ: Maeve Jenkins ("Pedágio") e Grace Passô ("O Dia Em Que Te Conheci")

ATOR: Kauã Alvarenga ("Pedágio")

ROTEIRO: Guto Parente ("Estranho Caminho")

ATRIZ COADJUVANTE: Aline Marta Maia ("Pedágio")

ATOR COADJUVANTE: Carlos Francisco ("Estranho Caminho")

FOTOGRAFIA: Evgenia Alexandrova ("Sem Coração")

MONTAGEM: Eva Randolph ("Levante")

DIREÇÃO DE ARTE: Vicente Saldanha ("Pedágio")

PRÊMIO NOVOS RUMOS (LONGA): "Saudade Fez Morada Aqui Dentro", de Haroldo Borges

DIREÇÃO NOVOS RUMOS: Ricardo Alves Jr. ("Tudo O Que Você Podia Ser")

PRÊMIO DO JÚRI NOVOS RUMOS: "A Alma das Coisas", de

Douglas Soares e Felipe Herzog
PRÊMIO NOVOS RUMOS (CURTA): "Dependências", de Luísa Arraes

MENÇÃO HONROSA: a inventividade de Marão em "Bizarros Peixes das Fossas Abissais" e o elenco feminino de "Iracemas"

PRÊMIO FÉLIX (Iáurea LGBT-QIAP+):
FICÇÃO NACIONAL - "Sem Coração", de Tião e Nara Normande

FICÇÃO INTERNACIONAL - "20.000 Espécies de Abelha", de Estibalitz Urresola Solaguren

.DOC - "Orlando, Minha Biografia Política", de Paul B. Preciado

ESPECIAL DO JÚRI - "Tudo O Que Você Podia Ser", de Ricardo Alves Jr.

PRÊMIO SUZY CAPÓ: Lan Lanh e Nanda Costa

Denzel Washington, grife de milhões

Divulgação

Sucesso do terceiro filme da franquia 'O Protetor' consagra a potência comercial do astro

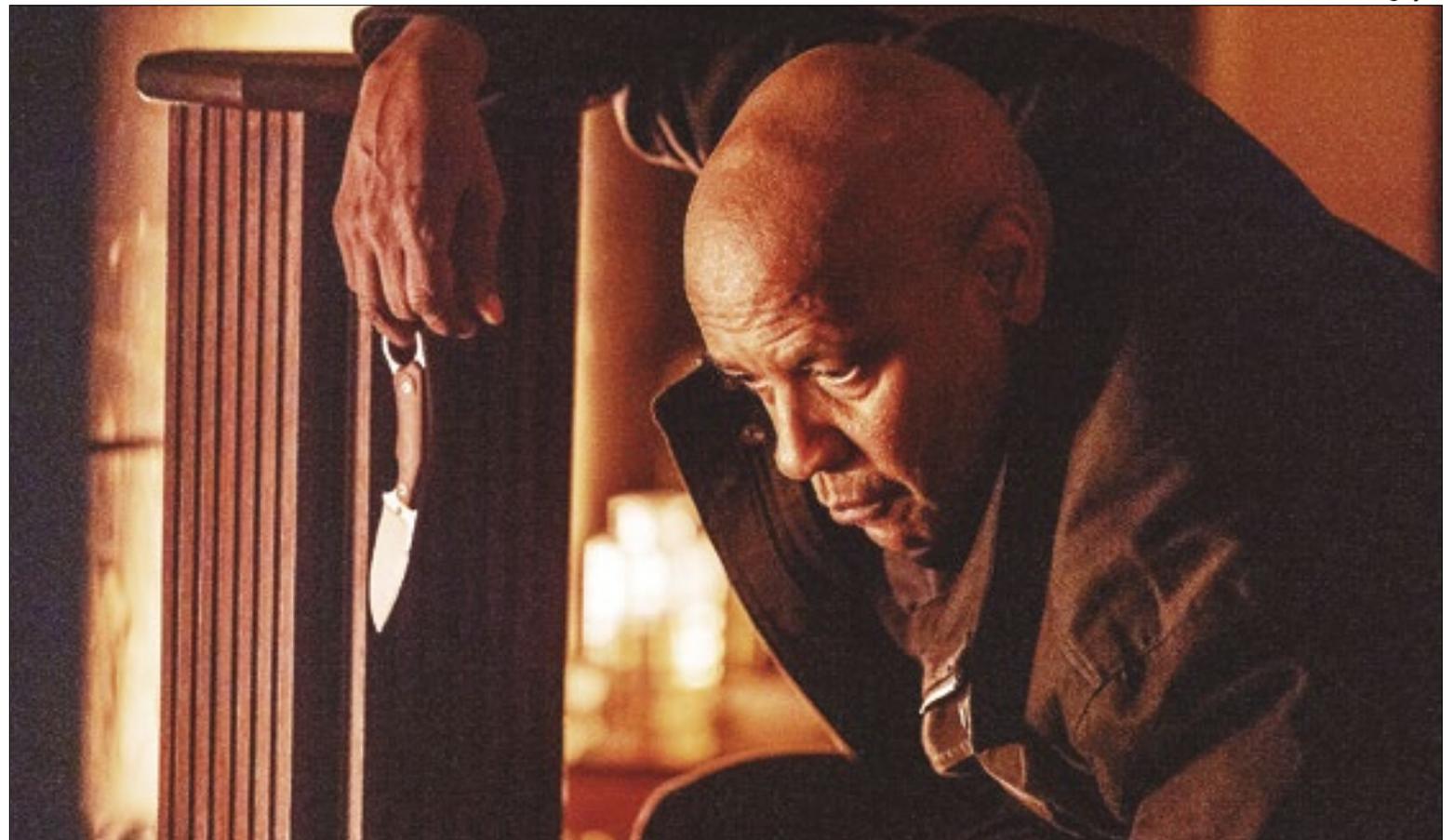
Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Envolvido com as filmagens de "Gladiador 2", ao lado de Paul Mescal e Pedro Pascal, Denzel Washington confirmou, mais uma vez, sua habilidade de levantar bilheteria mastodôntica com o sucesso mundial de "O Protetor: Capítulo Final". Sua bilheteria beira a casa dos US\$ 175 milhões e a produção segue lotando salas no Brasil.

Há um boato de que ele vá receber o Urso de Ouro Honorário da Berlinale em fevereiro, mas nada foi ainda definido. Mas Denzel anda mobilizando streamings aqui e no mundo com seus sucessos comerciais.

Tem Denzel na HBO Max, mas trabalhando do outro lado das câmeras, na direção, em "Um Diário Para Jordan: Memórias De Amor E Perda" ("A Journal For Jordan"). Este drama de guerra transborda mel ao recriar a história real do soldado Charles Monroe King (papel confiado a Michael B. Jordan, de "Creed"), que deixou um diário para o filho, antes de morrer em Bagdá.

Na Apple TV, ele pode ser vis-



Denzel Washington em 'O Protetor 3', garantia de mais milhões de dólares na conta do astro

to em "A Tragédia de Macbeth" ("The Tragedy of Macbeth"), de Joel Coen, que valeu ao astro uma indicação ao Oscar de melhor ator. Beira o estonteante a versão dublada desta adaptação de Shakespeare, graças ao trabalho de Garcia Júnior cedendo seu vozeirão a Denzel. Numa outra plataforma, a Star Plus, também é possível ouvir Jr. dublar Washington: basta conferir "Jogada Decisiva" ("He Got Game", 1998), de Spike Lee. Um dos maiores sucessos comerciais da carreira do realizador de "Faça a Coisa Certa" (1989), essa dramédia esportiva traz Denzel no papel de um presidiário que tem a chance de ter sua pena reduzida caso convença seu filho, um ás do basquete, a se render a um esquema esportivo.

Conforme a expectativa por

"Gladiador 2" cresce, a busca pelos filmes do ator de 68 anos aumenta, sobretudo a busca por "O Protetor". Seu título em inglês faz referência à sua matéria-prima: "The Equalizer". Trata-se de um seriado de sucesso nos anos 1980, criado por Richard Lindheim (1939-2021) e Michael Sloan, com o ator Edward Woodward (1930-2009) no papel de superagente aposentado em fase de vigilantismo. A produção voltou à TV e à streaminguesfera com Queen Latifah (aqui dublada por Mônica Rossi) como protagonista. A reinvenção da série, traduzida por aqui como "O Justiceiro", é parte de um esforço da rede CBS para revivificar grifes televisivas de prestígio no passado. Era Robert McCall e virou Robyn, numa escalação de elenco precisa. Mas antes

de Queen, quem calçou os sapatos de McCall foi Denzel.

Na web, na supracitada HBO Max, à frente do thriller "Os Pequenos Vestígios" (2020), Denzel interpretou Robert num par de longas-metragens dirigidos por Antoine Fuqua. O primeiro "O Protetor", de 2014, custou US\$ 55 milhões e arrecadou US\$ 192 milhões. O segundo, de 2018, custou US\$ 62 milhões e faturou US\$ 190 milhões, sendo embalado em elogiosas resenhas.

Soturno em sua representação das relações sociais, mas taquicárdico na costura de tiroteios, brigas e perseguições, "O Protetor" espelha a maturidade narrativa de Fuqua como cineasta, numa linha evolutiva pela estrada da autoridade. Denzel injeta carisma na

pele de um ex-fuzileiro promovido a espião, mas afastado da ativa por traumas do passado.

No terceiro longa, que bomba em circuito, há algo de novo no dia a dia de McCall. Desde que desistiu de sua vida como assassino trabalhando para o governo, ele tem dificuldades para se reconciliar com as coisas horríveis que fez em seu passado, e encontra um estranho conforto em trazer à justiça aos oprimidos. Após encontrar um lar inesperado no sul da Itália, ele descobre que seus novos amigos vivem sob o controle dos chefes do crime organizado do local. Assim que os eventos se desdobram para acontecimentos mortais, McCall sabe o que precisa fazer: se tornar um protetor para seus amigos e enfrentar a máfia.

O 'Vapor' sonoro do Bixiga 70

Grupo instrumental paulistano faz da resiliência a matéria-prima de seu mais novo álbum

Luiz Chagas*
Especial para o Correio da Manhã

Sabe aquela fumacinha exalada por destroços, aquela nuvenzinha que se ergue das cinzas, das brasas escondidas, sugerindo calor, vida, resiliência, aquele vapor, enfim? Tipo “Vapor, gás resultante da mudança de estado de um líquido ou de um sólido”. Está nos dicionários.

“Vapor” foi o nome escolhido pela banda Bixiga 70 para seu novo disco. Afinal, desde que “Quebra-Cabeça” foi lançado em 2018, o mundo mudou, o país mudou, o clima mudou, as relações mudaram, as visões se alteraram e a Bixiga 70 junto. E é ela quem está aí de novo com muito gás.

“Malungu”, o primeiro single do disco, dá a senha para os novos tempos. Convidada para gravar uma bateria, a multi-talenta Simone Sou trouxe este tema cujo título, na língua africana Kicongo, significa “companheiro, igual”. É a banda, com seus novos componentes, o tecladista Pedro Regada e as percussionistas Valentina Facury e Amanda Teles, que até então tateava entre visitar a sonoridade Bixiga 70 ou se aventurar por novos caminhos pulsou junto como um



Fotomontagem

Os integrantes da atual formação do Bixiga 70 em foto montagem com a capa do álbum ‘Vapor’ ao fundo

só coração.

Conhecida no exterior como um agrupamento de “groove visionaries” a Bixiga 70 foi formada em 2010 São Paulo em meio ao revival afrobeat e o surgimento de uma nova geração - “saindo das telas para as praças, uma nova raça”, parafraçando um novobaiano. O nome do grupo vem do endereço do estúdio, pertencente ao guitarrista Cristiano Scabello, na Rua 13 de Maio, coração do bairro do Bixiga ou Bela Vista, um mosaico de referências, de sua origem como um quilombo ao seu desenvolvimento

como um dos principais redutos da colônia italiana – o que explicaria a profusão de casas de samba e cantinas, uma do lado da outra. Caso dos teatros-escola TBC e Oficina cuja importância e proximidade validam o apelido de “broadway paulista” que a região já teve. De um tempo para cá os boêmios ganharam a companhia dos nigerianos e a efervescência contínua. A todo vapor.

Além de Cristiano, a banda é completada pelos “B70-históricos” Cuca Ferreira (sax barítono), Douglas Antunes (trombone), Daniel

Nogueira (sax tenor), Daniel Verano (trompete) e Marcelo Dworecki (baixo), que mergulharam de cabeça na sonoridade trazida pelo tecladista Regada, um típico representante do novo som nordestino, responsável por introduzir o piseiro e o technobrega, entenda-se o forró eletrônico, na africanidade paulistana habituada aos sintetizadores.

O mesmo se deu com as percussionistas Amanda e Valentina. Segundo o saxofonista Nogueira “foram meses tocando com esses músicos para chegarmos onde chegamos”. No que é secundado pelos

colegas. “Vapor não é uma volta da banda, mas um renascimento”, concordam.

A Bixiga 70 nasceu festejada como melhor show do ano, característica que manteve esses anos todos em que colocou o mundo todo pra dançar literalmente, do RecBeat pernambucano ao Fela Day em Amsterdam (ao lado de Tony Allen), do público do Roskilde Festival (Dinamarca), do Bananada goiano, do Glastonbury britânico, do SXSW (South by Southwest) americano ao Psicodália gaúcho. Dividiu o palco como nomes que vão dos lendários João Donato, Mateus Aleluia (Tincoãs) e Elza Soares a expoentes das novas gerações, como a banda Metá Metá, Luiza Lian, que dividiu um single com a Bixiga, e Tulipa Ruiz – com quem tocou em um casamento na Índia!

Além de Simone, “Vapor” conta com mais participações, a começar por outro B70-histórico, Romulo Nardes, na percussão. Também tocam no disco Mayara Almeida (saxofone e flauta), Marcelle Barreto (teclado) e Vitor Cabral (bateria). Cabral, a exemplo de Simone, tocou na Isca, uma das bandas de Itamar Assumpção.

É indiscutível que a Bixiga 70 não só evoluiu seguindo sua linha como se aventurou e, se mudou, mudou para melhor. Temas como “Na Quarta-Feira” (segundo single lançado), “Parajú” e “Marginal Elevado Radial” (que não nega a origem paulistana) seriam impensáveis sem o período pesado que passamos, sem a eletrônica, sem a gana de subir nos palcos de novo, sem o “sangue-nos-óio” aliado a (um) novo(s) olhar(es).

A última música do disco é “Lua Loa”, nome inspirado na filha do baixista Dworecki. Uma prova do desenvolvimento psico-acústico experimentado pela banda, um tema mais ambicioso, intrincado e envolvente. Como diz Ferreira, “achávamos que se tocássemos juntos no estúdio iríamos captar a energia dos nossos shows. Descobrimos que não era bem assim Com o tempo começamos e estamos aprendendo a captar esse vapor”.

*Músico e jornalista

Um show que tem que continuar

Marco Caselli/Divulgação

Mônica Salmaso volta a se reunir com Nelson Ayres e Teco Cardoso para mais uma apresentação do festejado 'Alma Lírica Brasileira'

Por Affonso Nunes

Trabalho iniciado em 2009, o encontro musical de Mônica Salmaso com o pianista Nelson Ayres e o flautista e saxofonista Teco Cardoso ganhou merecido registro fonográfico em 2011 no CD da cantora batizado "Alma Lírica Brasileira" e, em 2013 registrado em DVD pelas mãos do diretor e fotógrafo Walter Carvalho.

CD e DVD premiados, este trabalho se abriu para homenagens a compositores diversos como Vinicius de Moraes, Dorival Caymmi e segue em cartaz sempre que a agenda dos três artistas permite. E a magia se faz mais uma vez: agora nesta terça-feira (17), a partir das 21h, no Teatro Riachuelo.

É mais uma oportunidade de conferir



Nelson Ayres, Mônica Salmaso e Teco Cardoso revivem show de rara beleza com repertório de tesouros

a artesanaria e respeito com que o trio trata o cancionero popular brasileiro num espetáculo de rara emoção. Ganha o público com a felicidade musical que o encontro que soma canto e percussão de Mônica, a formação jazzística e erudita de Nelson Ayres e o refinamento dos sopros de Teco Cardoso.

"Mais que um repertório, o Alma Lírica é uma concepção, uma sonoridade. Desde que a gente gravou esse repertório foi muito ampliado com obras de Vinicius de Moraes, Dorival Caymmi, Violeta Parra. E assim esse repertório é vivo. A gente nunca parou e segue sendo um show novo", comenta Mônica Salmaso ao Correio.

SERVIÇO

ALMA LÍRICA BRASILEIRA - MÔNICA SALMASO, NELSON AYRES E TECO CARDOSO

Teatro Riachuelo Rio (R. do Passeio 38)
17/10, às 20h

Ingressos: R\$ 160 (plateia VIP) R\$ 150 (plateia e balcão nobre) e R\$ 80 (balcão)

Divulgação



O trio suíço 60 Miles

A milhas e milhas de casa

Suíços do 60 Miles se apresentam nesta terça em Copacabana

Depois de participar do Rio Montreux Jazz Festival, o grupo suíço 60 Miles encerra sua turnê pela América Latina com única apresentação nesta terça-feira (17), às 19h30, no Las Brutus (Rua Sá Ferreira, 25 - Copacabana).

A banda apresenta seu quarto álbum, "Ice Scream", lançado este ano. Esta é a segunda vez que o 60 Miles vem ao Brasil. O trio já percorreu desde 2015 Europa, China, Japão, Brasil e Argentina. Nas performances da turnê 2023, o público poderá conferir, além dos músicos Nicolas Gerber (piano), André Hahne (baixo) e Philipp Leibundgut (bateria), a participação do trompetista Shems Bendali.

O 60 Miles aposta numa proposta auto-

ral com inspirações variadas que podem ir de Cherlie Parker e Keith Jarrett a Led Zeppelin, Radiohead e Beethoven. Uma música formada na grande tradição do trio, mas sem os códigos habituais. O estilo de 60 Miles busca melodias fortes, desenhando uma interessante proposta de improvisação.

"Ice Scream" destaca-se pela incorporação do trompete e a polirritmia, que perpassa o trabalho com variações de métricas, marca a evolução sonora na trajetória da banda.

O vasto universo musical de OlddSimão

Cantor e compositor hispano-brasileiro é a atração desta terça no Lab Manouche Apresenta

A mais nova atração do projeto Lab Manouche Apresenta é o cantor e compositor hispano-brasileiro OlddSimão com seu show “Encantos de Nzila” nesta terça-feira (17), às 21h, com participação especial de Armandinho (Cor do Som), amigo e referência musical do artista.

O repertório do show traça uma viagem ao longo da carreira de OlddSimão mesclando composições próprias, clássicos da

música brasileira e castelhana dos anos 80 e 90 e boleros com nova roupagem.

Além de cantar e tocar castanholas o OlddSimão estará acompanhado por Dilson Nascimento (piano), Jademir Machado (bateria), Davidson Ilarindo (bateria) e Donna Dona e Lola Borges no backing vocal).

OlddSimão, que também toca piano, conta que aprendeu a tocar as castanholas quando dançava flamenco. O artista se define como



OlddSimão aprendeu a tocar as castanholas quando dançava flamenco

“um amante das artes, fã da cultura pop e dos anos 80/90” e suas referências (muito ecléticas) vão do pop ao clássico, do jazz e r&b ao

trap, adicionando sons da música brasileira e hispana.

Seu primeiro álbum “Brasil dos Meus Olhos”, apenas com samba,

foi lançado em 2015, o que o levou a apresentações em países como Suécia e Estados Unidos e no festival Caliente na Suíça. Em 2018 lançou seu segundo álbum “Nº 7” de MPB em português e espanhol onde também mostrou, pela primeira vez, seu lado compositor. Seu primeiro single pop “Sem Ser Perfeito”, mesclando ritmos latinos com música cigana, veio em 2019 e no ano seguinte, em plena pandemia, lançou “Diz pra mim” demonstrando que a arte se adapta a tudo e que ela é capaz de trazer esperança e alegria em momentos difíceis e conturbados.

O EP audiovisual “The Lovers VI”, inspirado no amor e no Tarot de Marseille foi lançado 2.2.22 seguindo a estrutura e leitura de uma jogada básica de cartas do tarot, que lhe rendeu sua primeira turnê nacional.

SERVIÇO

LAB MANOUCHE
APRESENTA OLDDSIMÃO
Manouche: (Rua Jardim Botânico, 983)
17/10, às 21h
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia e ingresso solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação)

Entre o pop e o rap com recheio farto de ironia

Músico, cantor e produtor Billy Crocanty lança o álbum ‘Quasy Rap’

Cantor, compositor e produtor carioca radicado em Nova York, Billy Crocanty está de volta com o álbum “Quasy Rap”. Depois de dois EPs, o artista mergulha em um novo território musical com um disco que busca combinar elementos de pop e rap, enquanto entrega letras repletas de humor, batidas e

refrões contagiantes para refletir sobre o processo criativo, sobre a solidão e sobre a hipocrisia da sociedade brasileira.

Um dos destaques é “Bumbum”, que brinca com o autotune (programa de edição de vozes) e aborda temas tabus de maneira divertida.

O trabalho solidifica a persona



Billy Crocanty

de Billy Crocanty no trabalho de Vicente Coelho, cantor, compositor, multi-instrumentista, co-diretor musical do talk show “Lady Night” (de Tatá Werneck) e ator conhecido no cenário musical por integrar a banda Biltre. “Quasy Rap” vem na sequência do EP “Verão Frito”, um misto de sua malan-

dragem e suingue com novas estéticas sonoras, passando pelo brega e piseiro, e do EP de estreia “Pessoas Fritas” e uma série de clipes.

Criado entre o bucolismo do interior, os shows do Kid Abelha e a peça “5 X Comédia”, que sua mãe produzia, Vicente se sentia o próprio “hippie dos anos 90”. A nostalgia dessa época, que marca a essência de sua personalidade performática-espiritualizada, é o combustível inicial para composições mais íntimas, mas não menos divertidas.

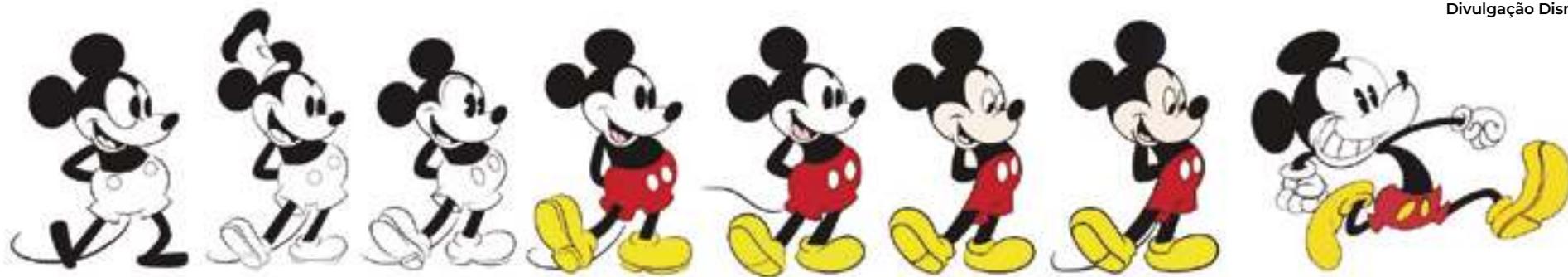
Neste álbum, Billy Crocanty apresenta uma mistura única de humor e análise sociocultural, criando um som que é ao mesmo tempo envolvente e reflexivo. “Quasy Rap” mostra a versatilidade de um artista que continua a desafiar fronteiras musicais.

O disco abre com “Escuta Aí”, um prólogo divertido para a jornada musical que está por vir. É quase como um trailer que mostra o tom humorístico e a autenticidade de Crocanty. Outro destaque é “Crocantização”, em que brinca com sua própria transformação, explorando as confissões e experiências engraçadas.

“Storytelling” continua a saga, logo mergulhando nas confissões de um jovem da “Classe Mérdia”. A música aborda temas como astrologia, experiências com o rap dos anos 90 e até mesmo a ópera tecno-tosca “Mundo Grampeado”. “Senta Senta Senta”.

O álbum também inclui a faixa “Cool”, onde Billy não poupa críticas ao cenário do trap brasileiro, abordando temas como machismo e atitude.

Divulgação Disney



As diferentes fases do ratinho que conquistou o mundo

Por Leonardo Sanchez (Folhapress)

Tudo começou com um rato. Cem anos depois, o rato já não importa tanto assim. Apesar de sintetizar a história de sua criação com a frase romântica e pueril, que nem é tão autêntica assim, já que seu principal personagem seria criado cinco anos depois, a The Walt Disney Company chega ao seu centenário como muito mais do que a casa de Mickey Mouse. Muito mais até do que uma produtora de animação.

Uma das marcas mais reconhecidas mundialmente, responsável por moldar gerações e criar um imaginário coletivo por meio de seus filmes, a Disney virou sinônimo de soft power dos Estados Unidos ao expandir seus negócios para esportes, música, teatro, livros, games, parques temáticos, cruzeiros e toda sorte de produto.

Hoje avaliada em US\$ 155 bilhões, a Disney tem uma trajetória que serve como crônica do próprio sonho americano. Foi em meio aos loucos anos 1920 e aos delírios de grandeza que Hollywood desenhava para si, afinal, que um Walt Disney de 21 anos sem dinheiro no bolso deixou para trás o pequeno e falido estúdio que havia fundado em Kansas rumo à Califórnia.

Ao lado do irmão, Roy O. Disney, e do ilustrador Ub Iwerks, fundou em 16 de outubro de 1923 a Disney Brothers Studio, como a companhia foi originalmente chamada, prosperando com o coelho Oswald, mais tarde perdido numa negociata de direitos autorais, e com curtas que misturavam animação e live-action.

Mas o sucesso e a independência financeira vieram mesmo com

O ratinho que ergueu um império

Como a Disney moldou a cultura e agora faz 100 anos sob ameaça de perder Mickey

Mickey, em 1928, que no curta “O Vapor Willie”, ou “Steamboat Willie”, estrelou a primeira animação com som sincronizado da história. Com um personagem carismático e tecnologia nas mãos, os negócios prosperaram.

Não deixa de ser irônico, portanto, que a Disney chegue agora ao centenário sob a ameaça de perder a exclusividade de Mickey, que deve entrar em domínio público no ano que vem. Não espere ver, porém, o ratinho em qualquer canto. A empresa tem tomado precauções e se associado de forma mais umbilical ao personagem para embaralhar o que é só mais uma propriedade intelectual e o que é a sua própria marca - esta tem restrições mais rigorosas de uso. Percebeu que, nos últimos anos, todas as animações do estúdio acompanham uma vinheta que rememora “O Vapor Willie”, como um selo?

Este, no entanto, é o menor dos problemas da Disney. A empresa completa um século com o barquinho

Willie navegando em águas turbulentas. Não bastassem as greves que chacoalharam a produção audiovisual americana nos últimos meses e puseram sob escrutínio os salários exuberantes de seu CEO, seu valor de mercado tem caído.

Suas ações, na festa de comemoração, valem menos do que nos primeiros e incertos meses de pandemia. E a direção da Disney já percebeu isso. Tirou da aposentadoria, em novembro, o antigo CEO Bob Iger, após a desastrosa gestão de Bob Chapek e dos números vacilantes do streaming Disney+. A esperança é a de que Iger consiga reverter o cenário desfavorável, como já havia feito quando assumiu o cargo pela primeira vez, em 2005.

Os 15 anos em que ele esteve à frente da companhia foram marcados pela diversificação dos negócios e por aquisições importantes. Partiu de sua gestão a iniciativa de comprar a Pixar, a Marvel Entertainment e a Lucasfilm, ampliando a biblioteca de personagens valiosos. Sem falar

no arremate da 21st Century Fox, seu canto do cisne, que deu à Disney um controle sem precedentes do calendário de estreias.

Não que essa seja a primeira crise vivida pelo estúdio. Em cem anos de trajetória, afinal, há espaço de sobra para maus momentos. Nos anos 1940, a Segunda Guerra fez minguar o interesse pelas animações simpáticas que eram o bem mais precioso da empresa.

Bloqueio criativo

Na virada da década de 1960 para 1970, a morte de Walt Disney impôs ao Walt Disney Animation Studios um bloqueio criativo, e nenhum filme parecia agradar ao público. A concorrência aproveitou para florescer, deixando a divisão de desenhos da empresa à beira do fechamento até que esta fosse salva pelo sucesso de “A Pequena Sereia”, em 1989.

E nos anos 2000, quando a fórmula dos musicais teatrais se esgotou, outra crise veio. Nenhuma,

no entanto, teve o escopo da enfrentada agora, que vai muito além dos dados de bilheteria e, pior, parece ser fruto não do destino, mas das próprias estratégias traçadas em anos recentes - com uma ajudinha da pandemia e da insegurança do streaming. Sair dela vai ser mais difícil, sem dúvida. E os planos anunciados até agora parecem ir na contramão do que tornou a empresa um titã do capitalismo americano - inovação. Basta olhar para “Branca de Neve e os Sete Anões”, primeiro longa americano animado, recordista de bilheteria ao ser lançado, em 1937, e responsável por fundar a animação enquanto gênero cinematográfico.

Aos poucos, a fórmula foi sendo revista, adaptada e aprimorada. Das animações em 2D como “Pinóquio” e “Peter Pan” à xerografia de “101 Dálmatas”; das extravagâncias musicais de “Hércules” e “O Rei Leão” à pegada pop de “Tarzan”; do abraço na computadorização de “Dinossauro” à modernização da receita com “Frozen”.

Há uma crise de identidade pairando no ar. Não só nos estúdios da Disney, mas em toda Hollywood, bagunçada em meio à reorganização entre cinema, televisão e streaming. Em janeiro, a Disney lança “Wish”, sua 62ª animação em longa-metragem. O filme recupera técnicas empregadas nos primórdios da companhia, como os desenhos em 2D feitos à mão.

E, nesta semana, a festa começa com um rato. Mickey vai guiar o espectador pela história da companhia no curta “Era Uma Vez um Estúdio”, que levará para os corredores da sede da Disney Animation todos os personagens aos quais seus lápis, pincéis e computadores deram vida.

Um outro lugar para a ancestralidade

Exposição de fotomontagens transfere imagens de pessoas escravizadas no século XIX para contextos de afeto e respeito

No contexto colonial e escravocrata brasileiro, fotografias frequentemente retratavam pessoas negras como objetos, apresentando-os como mercadorias ou curiosidades exóticas aos olhos europeus, os rotulando como ‘Tipos Negros’. Resignificar essa história é a proposta da exposição “Memória e Herança: Álbum de Família”, que apresenta uma releitura a partir das fotografias de pessoas negras escravizadas do século XIX.

As montagens insere esses personagens em outros contextos, possibilitando uma nova perspectiva a esses registros, permitindo uma conexão profunda com trajetórias outrora reduzidas e esquecidas, sendo assim, reafirma a esses indivíduos o direito ao cotidiano, ao afeto e à ancestralidade.

Composta por 11 obras que utilizam a técnica de colagem digital, a exposição estará na Galeria 3 da Caixa Cultural no Rio de Janeiro, iniciando nesta terça-feira (17) e se estendendo até 10 de dezembro.

Rynnard, idealizador da exposição, utiliza a colagem digital para resignificar esses registros. “Ao inserir tais retratos em um universo

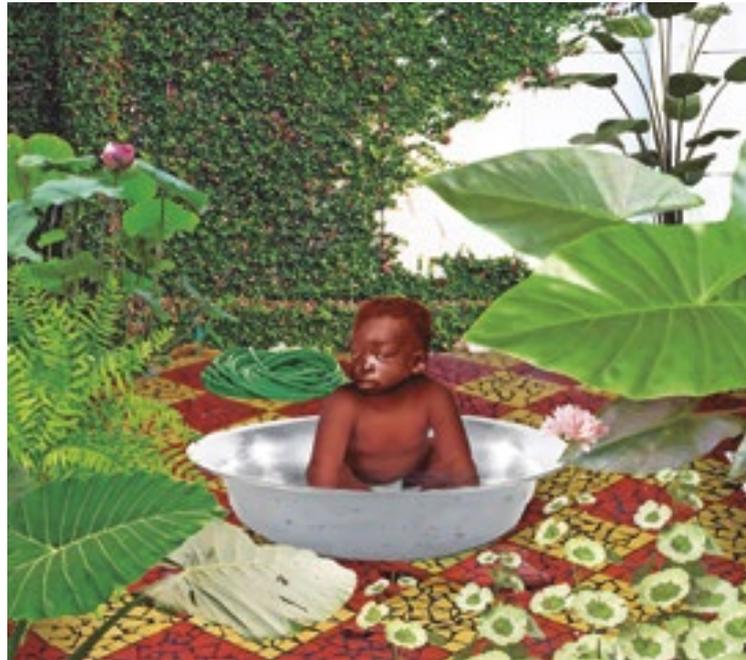


Juca Rosa



Retrato da Vó Lia

de afeto como a família, o quintal, a varanda, eu recriei essas imagens com direito a algo tão básico quanto o cotidiano. Quero poder con-



Banho de bacia do primo Júlio



Quintal da Vó Herezinda

fortar de alguma forma aqueles que se sentem destituídos de memória familiar e ancestral”, enfatiza.

As fotopinturas do nordeste brasileiro, técnica mista de ampliação e pintura que ganhou notoriedade no Brasil após os anos 40, é um pilar fundamental no enten-

dimento da proposta de resignificação de Rynnard. “Estas obras proporcionavam uma utopia particular de cada retratado. Era comum pintar pessoas já falecidas ao lado de vivas, homens em ternos que nunca usaram ou adornando os retratados com joias e maquiagem.

As fotopinturas, esse Photoshop do nordeste brasileiro, tinham o poder de resignificar a própria existência, era um jogo de construção do ‘eu’ para o outro. Então eu percebi que através dessa técnica eu poderia propor uma nova perspectiva para essas imagens”, destaca.

A história e a identidade de um povo são profundamente entrelaçadas com sua capacidade de se lembrar e se conectar com suas raízes. No Brasil, contudo, muitos enfrentam uma lacuna nessa conexão. “Não temos acesso à memória de nossos ancestrais. Nesse sentido, os registros de retratos ‘Tipos Negros’ capturam os anônimos de um momento crucial em nossa história. Portanto, agora esses rostos podem representar a nossa ancestralidade, permitindo que o público abrace as obras desta exposição como lembranças pessoais e coletivas”, ressalta.

Através da colagem digital, Rynnard encontrou uma forma de tentar desvincular essas fotografias do contexto escravista da sociedade colonial. “A colagem digital ganhou espaço com a crescente democratização do acesso à internet e a evolução tecnológica dos computadores. Essa técnica, uma espécie de caldeirão digital, tornou-se acessível para muitos, especialmente para os indivíduos de comunidades periféricas. Artistas passaram a ter a oportunidade de reimaginar e revitalizar imagens, proporcionando novas perspectivas”, destaca.

SERVIÇO

MEMÓRIA E HERANÇA:
ÁLBUM DE FAMÍLIA
Caixa Cultural Rio - Galeria 3
(Rua do Passeio, 38 - Centro)
De 17/10 a 10/12, de terça
a sábado (10h às 20h) e
domingos e feriados (11h às
18h) | Entrada franca